

MEUS ENCONTROS COM FLORESTAN FERNANDES

MY ENCOUNTERS WITH FLORESTAN FERNANDES

Barbara Freitag-Rouanet¹

Desde o início do ano de 2020, ano do centenário de nascimento de Florestan Fernandes, tenho recebido pedidos para pronunciar-me sobre o primeiro grande sociólogo do Brasil (segundo Otávio Ianni). Por que eu, Barbara Freitag, casada Rouanet, que jamais fora aluna de Florestan Fernandes, passei a receber quase meia dúzia de convites?

Uma primeira resposta já foi dada com essa introdução. Em 1963 tive a oportunidade de participar do Congresso Latino-Americano de Sociologia, realizado em Córdoba - Argentina. Estava no início dos meus estudos de sociologia, recém matriculada na Universidade de Frankfurt. Cabe esclarecer que não fui para o Congresso, o primeiro de sociologia que eu viria a acompanhar, enquanto aluna inscrita e sim como pessoa contratada pelos organizadores que necessitavam de tradutores do espanhol e português para o alemão e vice-versa. Foi durante várias conversas com Octávio Ianni, que ele me alertou para o então catedrático Florestan Fernandes, não presente nesse Congresso, recomendando-me ler os livros da obra deste antigo “menino de rua”, chamando atenção para os “dilemas sociais brasileiros”.

De volta para a Alemanha - na ocasião já matriculada na Universidade Livre de Berlim, e sob orientação do Professor Richard F. Behrendt - pus em prática a recomendação de Octávio Ianni. Apresentei ao especialista dos países latino-americanos em Berlim (Behrendt tinha se

¹ Socióloga, Professora Emérita e Professora Titular da Universidade de Brasília. Autora de diversos livros, entre eles: *Florestan Fernandes*. Die sozio-ökonomische Entwicklung Brasiliens aus der Sicht eines brasilianischen Sozialwissenschaftlers (SSIP-Verlag, 1969), *Sociedade e consciência*: um estudo piagetiano na favela e na escola (Cortez / Autores Associados, 1986), *Teoria crítica*: ontem e hoje (Tempo Brasileiro, 1986) *O indivíduo em formação*: diálogos interdisciplinares sobre educação (Cortez, 1994), *Itinerários de Antígona* (Papyrus, 1992), *A cidade dos homens* (Tempo Brasileiro, 2003), *Itinerâncias urbanas* (Casa das Musas, 2004), *Teorias da cidade* (Papyrus, 2006). E-mail: bfreitag41@gmail.com

refugiado no Panamá durante a ditadura nazista na Alemanha) um projeto de pesquisa, que viria a ser minha tese de mestrado: “O desenvolvimento socioeconômico do Brasil visto por três cientistas sociais brasileiros: Florestan Fernandes, Gilberto Freyre e Celso Furtado”.

Aprovado esse projeto ambicioso, passei a ler compulsivamente a obra desses gigantes do pensamento social brasileiro, obra essa que estava presente – quase na íntegra – na Biblioteca Ibero-americana, fundada por Alexander von Humboldt. E mais, graças aos cursos de teoria sociológica, ministrados semestralmente, passei a integrar o pensamento dos três autores brasileiros na teoria do conhecimento de Karl Mannheim - então refugiado na Grã-Bretanha - exposta em sua “Ideologia e Utopia”². Enquadrei cada um dos cientistas brasileiros em suas classes de origem social: Florestan Fernandes, sociólogo e menino de rua, na classe proletária; Celso Furtado, economista e inventor da SUDENE, oriundo das classes médias do Nordeste; e Gilberto Freyre, antropólogo e analista de “Casa Grande e Senzala”, membro da elite recifense.

Havia, pois, na minha visão de socióloga principiante, encontrado três representantes da *intelligentsia* brasileira que se prestavam à categorização do conceito mannheimiano de “*frei-schwebende Intelligenz*”, isto é, representantes da intelectualidade brasileira que, desprendidos de suas origens sociais, eram capazes de analisar aspectos importantíssimos da realidade brasileira do século XX. Como intelectuais, não estariam prestando tributos à sua classe social de origem, mas analisando temas e problemas da realidade brasileira, a saber, os pobres das periferias urbanas das megalópoles (São Paulo); o subdesenvolvimento das áreas rurais do Nordeste, economicamente desintegrados da industrialização do sul e sudeste do país; e, finalmente, o passado colonial brasileiro, com sua herança escravocrata tão rica em elementos culturais e raciais afrodescendentes.

² Karl Mannheim. *Ideologia e utopia*. 4a. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

A tese pronta, com anexos e nota, contava mais de 450 páginas; a banca examinadora a avaliou com a nota máxima (*ser gut* = excelente). Eu preciso admitir que encontrei apoio incondicional dos três pesquisadores. Todos responderam a minhas cartas, todos me receberam em suas casas ou escritórios, todos deram-me dicas indispensáveis para a minha compreensão de suas análises e temas, todos “participaram” daquele resultado.

Mas foi Florestan Fernandes que mais insistiu em instruir-me sobre aspectos da realidade brasileira que, enquanto criança e adolescente residente no Brasil, eu não poderia ter percebido. E, mais, foi Florestan Fernandes que, cassado em 1969, sofrera aposentadoria compulsória, perdera sua cátedra, e fora proibido de publicar e lecionar no Brasil.

Consegui publicar o capítulo sobre ele, Florestan Fernandes, em uma pequena editora de Saarbruecken, Alemanha³. E foi Florestan Fernandes que - sendo convidado pelo meu orientador Richard Behrendt e por Hanns-Albert Steger, ambos empenhados nos estudos latino-americanos na Alemanha - participou de diversas palestras e debates nas universidades e programas de pós-graduação nas cidades de Berlim e Munster. Nessas ocasiões, fui sempre chamada como tradutora, para um público interessado e participativo. Essas visitas se tornaram cada vez mais frequentes, quanto mais se prolongava a ditadura militar no Brasil. Ambos professores se esforçaram em obter uma bolsa de pesquisa para Florestan Fernandes junto à *Volkswagenstiftung* ou ao *Deutsche Forschungsgemeinschaft*, mas Florestan sempre declinou, pois via na atuação dessas instituições de fomento o interesse do capitalismo imperialista, em especial, o estadunidense. É bom lembrar que a Alemanha Ocidental permanecia, nessa época, ainda sob o domínio dos Aliados da II Guerra Mundial como a França, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, enquanto a Alemanha Oriental estava sob a influência direta da União Soviética.

³ Barbara Freitag, *Florestan Fernandes*. Die sozio-ökonomische Entwicklung Brasiliens aus der Sicht eines brasilianischen Sozialwissenschaftlers. Saarbruecken, SSIP-Verlag, 1969.

Como é sabido, Florestan Fernandes aceitou um convite do Canadá, onde passou a lecionar na Universidade de Toronto, em exílio, entre 1969 e 1972. Foi nessa época que se intensificou a correspondência (1969-1974) entre Barbara Freitag Bodea (Bodea era nome do meu padrasto), e Florestan Fernandes, correspondência essa que publiquei na Revista de Estudos Aplicados da USP, depois do falecimento de Florestan Fernandes, a 10 de agosto de 1995⁴. Posso dizer que a correspondência substitui em muito possíveis aulas dele que eu poderia ter assistido no Brasil. Florestan não somente influenciou e orientou, por escrito, a minha tese de doutoramento defendida na Universidade Técnica de Berlim, *Die brasilianische Bildungspolitik: Agens oder resultante gesellschaftlicher Wandlungsprozesse?* (“A Política educacional brasileira, causa ou resultado dos processos de mudanças societárias no Brasil”?), que, resumida, resultou depois na edição brasileira do livro *Escola, Estado e Sociedade*⁵, quase uma espécie de livro didático, com sete edições, adotado até mesmo em Angola e Moçambique, como me informaram, anos depois, estudantes de doutorado provenientes daqueles países.

Antes de concluir, seria imperdoável eu não mencionar vários encontros que tive com Florestan Fernandes tanto em Berlim, quanto em São Pulo, ocasiões em que ele conseguiu convencer-me de que eu deveria, depois de concluir o doutorado, voltar para o Brasil e lá lecionar. Em uma rápida passagem pelo Brasil, a caminho do Equador, em 1972, Florestan organizou um encontro meu com Maurício Vinhas de Queiroz, então chefe do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, propondo-me como candidata a uma vaga de professor, em razão do pedido de demissão em massa de professores que protestaram contra a invasão da Polícia Militar no Campus da UnB⁶. Dois anos depois, já com o doutorado defendido na Universidade Técnica de Berlin, recebi e aceitei o convite oficial do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília.

⁴ Barbara Freitag. Florestan Fernandes por ele mesmo. *Estudos Avançados*, Ano 10, n. 26, p. 126-172.

⁵ Barbara Freitag. *Escola, estado e sociedade*. 7a. ed. São Paulo: Centauro, 2005.

⁶ Mais de 200 professores pediram demissão coletiva da UnB.

Em 1986, já contratada e ativa no Programa de Pós-Graduação do Departamento de Sociologia da UnB (PPGSol), fui convidada a participar de uma Jornada em homenagem a Florestan Fernandes na Unesp, campus de Marília, organizada professora Maria Angela D’Incao. Pediram para que eu falasse sobre “Democracia e Universidade” no Brasil. Foi nessa ocasião em que lancei uma tipologia (ou tipo ideal) sobre o pensamento de Florestan Fernandes que de democrata-reformador teria passado, depois de 1969, quando foi cassado, para o marxista-revolucionário, criando nessa mesma ocasião da jornada Florestan Fernandes um terceiro tipo-ideal: “petista-legislador”, na condição Constituinte e membro da Comissão de Educação, Cultura e Esportes, e como Deputado Federal eleito para o segundo mandato (1987-1994)⁷.

Para introduzir textos de uma nova geração pesquisadores e estudiosos da obra de Florestan Fernandes, achei mais rico trazer ao leitor uma visão de Florestan Fernandes como interlocutor de uma socióloga que ele ajudou a modelar, orientar e ensinar através do seu “*Métier Sociologique*”.

Londres, 15 de dezembro 2020.

⁷ Barbara Freitag. Democratização, Universidade, Revolução. In D’Incao, M.A. (org.). *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. São Paulo: Paz e Terra / UNESP, 1987, p. 163-180.